

ANAIS DO
VII SIMPÓSIO NACIONAL DOS PROFESSORES
UNIVERSITÁRIOS DE HISTÓRIA

Organizado pelo Prof. *Eurípedes Simões de Paula*

A CIDADE E A HISTÓRIA

VOLUME I

LV
Coleção da *Revista de História*
Sob a direção do Professor
Eurípedes Simões de Paula



SÃO PAULO — BRASIL
1974

AS CIDADES MINEIRAS VISTAS POR ALGUNS VIAJANTES ESTRANGEIROS DO SÉCULO XIX.

ODILON NOGUEIRA DE MATOS

da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (SP).

O interesse que vem despertando ultimamente — e de maneira cada vez mais acentuada — a literatura dos viajantes estrangeiros que percorreram o Brasil no século passado, como fonte para o conhecimento da vida do país na época em que eles aqui estiveram, animou o Departamento de História da Pontifícia Universidade Católica de Campinas a preparar a presente coleção de textos sobre as velhas cidades mineiras, vinculando-a, assim, ao tema central do VII Simpósio.

A literatura dos viajantes — seria supérfluo lembrar — é de valor muito desigual, pois entre eles há de tudo: grandes naturalistas, alguns de renome universal, comerciantes, agentes diplomáticos, missionários protestantes, pintores, etnólogos, militares, engenheiros e até simples aventureiros que vieram para o nosso país tentar a vida. Seus escritos refletem essa diversidade, que se encontra, também, no interesse de seus depoimentos, desde aqueles que souberam “sentir” e compreender o Brasil, a é outros que não tiveram senão má vontade para com as nossas coisas e não souberam ver senão o lado negativo de nossa vida e de nossa cultura. Alguns, ainda, valem, hoje, como simples curiosidade .

O interesse despertado pelo Brasil entre os homens de ciência acentua-se, como é natural, após a transferência da corte portuguesa para este lado do Atlântico. A exuberância das espécies, animais e vegetais, nas regiões tropicais fez do Brasil o “paraiso dos naturalistas”, na feliz expressão de Darwin. Botânicos principalmente (como Martius, Pohl, Saint-Hilaire e Gardner) mas também geólogos e mineralogistas (como Mawe e Eschwege), zoólogos, todos eles encontraram no Brasil admirável campo de trabalho. Alguns deles, ligando indissolivelmente seus nomes ao Brasil, como Saint Hilaire ou Martius; deste último é a classificação da flora brasileira que ainda

se adota e sua *Flora Brasiliensis* foi considerada o maior monumento da ciência botânica de todo o século XIX; ou outros, como Wallace que, trabalhando no Amazonas ao mesmo tempo em que Darwin trabalhava nas ilhas do Pacífico, chegou às mesmas conclusões quanto a teoria da seleção natural.

Nem tudo — já foi dito — na literatura dos viajantes é elemento valioso. Alguns, não tendo tido muita sorte nas suas andanças pelo país, não podiam, naturalmente, ser muito simpáticos a ele. É o caso, por exemplo, dos mercenários do tempo de D. Pedro I: Seidler, Kloss, Boesche, Schlichthorst... Em que pese a má vontade com que escreveram, deixaram páginas valiosas pela capacidade de observação de que eram dotados. Cumpre aos eventuais anotadores desses livros fazer distinguir ao leitor de hoje o que neles é verdade daquilo que é resultado de simples má fé. Outro caso curioso é o de Charles Expilly, que tendo vindo para o Brasil com a idéia de fundar uma escola normal, acabou fabricando fósforos... Possuído de todo aquele mundo de preconceitos do europeu do século XIX contra as chamadas "raças inferiores", especialmente os negros, pagou a língua e acabou se apaixonando por um mulata (ou negra mesmo), que lhe deu tantas provas de dedicação, que seus sentimentos se transmudaram, e acabou se tornando o autor de um dos mais poderosos libelos contra a escravidão. Ou, ainda, o caso de Ina von Binzer, preceptora alemã contratada por família granfina de São Paulo, e cujas cartas, dirigidas a uma amiga na Alemanha, retratam a vida de família no Brasil. Ou, mais um exemplo, o caso de Davatz, colono da Fazenda Ibicaba, em Limeira, autor de documento único na bibliografia brasileira, pois sobre colonização européia conhecem-se depoimentos de fazendeiros, presidentes de província, agentes consulares, mas o do suíço de Ibicaba é o único escrito pela parte mais interessada, que no caso, é o colono. E por aí afora, que longo seria enumerar tantos outros exemplos expressivos.

É lamentável constatar que, durante mais de um século, a literatura dos viajantes do século XIX, indispensável para o bom conhecimento de nosso país tenha ficado praticamente desconhecida, pois suas edições originais eram inacessíveis, seja pela barreira linguística, seja pelos altos preços com que eram cotados pelos grandes alfarrabistas internacionais. O conhecimento que dela tínhamos era apenas através das resenhas que nos ofereceram Afonso de Taunay e Cândido de Melo Leitão em vários de seus livros. Era desagradável, por exemplo, verificar que uma obra como a de Henry Koster, sobre o Nordeste, publicada em Londres em 1816, já no ano seguinte era traduzida para o francês, para o italiano e para o alemão, e

no entanto levou mais de cento e vinte anos para ser traduzida para a língua do país de que ela trata.

Atualmente, a situação é bem diversa. Ao iniciar-se em 1931 a coleção “Brasíliana”, idealizada por Fernando de Azevedo e levada a efeito pela Companhia Editora Nacional, figurava em seu programa a edição dos títulos mais importantes da bibliografia estrangeira sobre o Brasil. Com efeito, como um dos primeiros volumes da importante coleção, era publicado o relato da segunda viagem de Saint-Hilaire a Minas Gerais e a São Paulo, realizada em 1822, pouco antes da Independência. À própria coleção “Brasíliana” caberia, aos poucos, divulgar toda a obra do grande botânico, com exceção apenas do relato de sua primeira viagem a São Paulo, que foi editado pela Livraria Martins Editora. E além de Saint-Hilaire, numerosos outros viajantes vieram integrar a “Brasíliana”: Expilly, Agassiz, Dodt, Wallace, Seidler, Burton, Hartt, Kiddler, Fletcher, Leclerc, Koster, Gardner, Bates, Biard, Eschwege, Castelnau, Leuthold, Rang, Lindley, Ebel, Maria Graham e o Príncipe Maximiliano.

Pouco depois (1940) a Livraria Martins Editora lançava a “Biblioteca Histórica Brasileira”, destinada quase que exclusivamente à divulgação da literatura de viajantes, uma iniciativa infelizmente interrompida. Nela, além do já mencionado relato da primeira viagem de Saint-Hilaire a São Paulo, foram editadas as obras de Kidder, Rugendas, Debret, Seidler, Luccock, Burmeister, Davatz e Koseritz, além de outras relativas ao período colonial, como as de Jean de Léry, Claude d’Abbeville e Nieuhoff.

Afora essas duas grandes iniciativas, outras instituições e editoras divulgaram mais alguns autores: Mawe, Spix, Martius, Pohl, Arsene Isabelle, Banbury, Suzannet, Avé-Lallemant, Ina von Binzer, Beyer, Bigg-Whitter, Chamberlain, Ferdinand Denis, Herbert Smith, Tollenare, Zaluar, Vauthier, Canstatt e talvez mais alguns outros.

Embora haja ainda muita coisa a ser traduzida, como o demonstra o extenso (e ainda incompleto) catálogo levantado por Alfredo de Carvalho, pode-se dizer que o mais importante da xenobibliografia brasileira já se encontra ao nosso alcance, em cuidadosas traduções, quase sempre com valiosas anotações. É uma pena que muitas dessas edições já estejam totalmente esgotadas e dentro em pouco se tornarão tão raras quanto as edições originais. Diversos apelos já têm sido endereçado às editoras e instituições responsáveis solicitando a reedição desse precioso documentário, que, embora de valor muito

desigual, como já se observou, é indispensável para o conhecimento das condições de vida do Brasil na época em que seus autores o visitaram.

Para a presente seleção escolhemos alguns dos autores mais conhecidos e cujas obras, donde os excertos foram extraídos, podem ser encontradas em nossa língua. É bem certo que uma seleta ou antologia reflete sempre o gosto e o interesse de quem a organiza. Todavia, o fato de nos atermos ao tema do VII Simpósio levou-nos a procurar nessas obras os trechos relativos à vida urbana, e em vários casos transcrevendo depoimentos de autores diferentes sobre as mesmas cidades. Para dar um caráter mais prático à seleta, as cidades aparecem, nos títulos, com os nomes atuais, embora muitas vezes distintos dos nomes que tinham quando os viajantes as visitaram. Assim, por exemplo, Ouro Preto (Vila Rica), Serro (Vila do Príncipe), Diamantina (Arraial do Tejuco), Teófilo Otoni (Filadélfia).

Aos leitores não muito familiarizados com os autores de nossa coleção, uma breve apresentação dos mesmos não será supérflua:

Avé-Lallemant, Robert (1812-1884). Médico e botânico alemão; vindo para o Brasil em 1837, viveu até 1855, clinicando no Rio de Janeiro; voltando à Alemanha, realizou em 1858 nova viagem ao Brasil, percorrendo-o do Sul ao Norte e da qual resultaram os dois importantes livros publicados em Leipzig (Casa Brockhaus) em 1859 e 1860: *Reise durch Sud-Brasilien im Jahre 1858* e *Reise durch Nord-Brasilien im Jahre 1859*. Ambos foram editados, no Brasil, pelo Instituto Nacional do Livro: o primeiro, em 1953, traduzido por Teodoro Cabral, e o segundo, em 1961, traduzido por Eduardo de Lima Castro.

Burmeister, Hermann (1807-1892). Naturalista alemão. Viajou pelo Brasil entre 1850 e 1853, tendo exercido as funções de diretor do Museu Nacional do Rio de Janeiro. Visitou as províncias de Rio de Janeiro e Minas Gerais e seus trabalhos representam importantes contribuições ao estudo da fauna brasileira. Deixando o Brasil, foi para a Argentina e vinculou seu nome ao famoso Museu de História Natural de La Plata, considerado um dos mais importantes do mundo. Além de monografias especializadas, escreveu o importante relato de viagem publicado em Berlim em 1853: *Reise nach Brasilien, durch die Provinzen von Rio de Janeiro und Minas Gerais, mit besonderer Ruecksicht auf die Naturgeschichte der Gold und Diamantendistricte*.

Burton, Richard Francis (1821-1890). Viajante inglês, cujo nome está ligado a grandes viagens de exploração no continente afri-

cano. Exerceu as funções de consul de seu país na cidade de Santos de 1865 a 1868, época em que realizou a viagem ao Vale do São Francisco que descreveu no livro *Explorations of the Highlands of the Brazil*, publicado em Londres, por Tinsley Bros., em 1869. Lamentavelmente a tradução brasileira dessa importante obra ficou incompleta. Deveria comportar três volumes, mas apenas o primeiro foi publicado, compreendendo o trecho “Do Rio de Janeiro a Morro Velho”.

Canstatt, Oscar (1842-1912). Escritor alemão, visitou o Brasil em 1868-1870, deixando diversos livros sobre a história e a literatura brasileiras. Entre eles, *Brasilien, Land und Leute* (Berlim, Ernst Siegfried und Sohn, 1877) *Das Republikanische Brasilien in Vergangenheit und Gegenwart* (1899), *Kritische Repertorium der Deutsch-Brasilianischen Literatur* (1902). Este último também se encontra traduzido (Rio de Janeiro, Editorial Presença, 1967, trad. de Eduardo de Lima Castro).

Gardner, George (1812-1849). Botânico inglês, viajou pelo Brasil de 1836 a 1841. Além de numerosas memórias científicas sobre assuntos de sua especialidade, deixou o livro de viagens *Travels in the interior of Brazil*, publicado em Londres por Reeve Bros., em 1846. Embora tenha falecido muito moço (não alcançou quarenta anos), Gardner deixou valiosa bagagem científica e foi diretor do jardim Botânico da Ilha de Ceilão, onde faleceu.

Martius, Carl Fried. Ph. von (1794-1868). Botânico e etnógrafo. Enviado pelos governos da Áustria e da Baviera ao Brasil, por ocasião do casamento de D. Leopoldina com o Príncipe D. Pedro (Posteriormente D. Pedro I), chegou ao Rio de Janeiro em companhia de J.B. Spix em 1817. Juntos percorreram durante mais de três anos o Brasil, de São Paulo à Amazônia, resultando dessas viagens numerosas publicações de interesse não apenas para a Botânica, mas igualmente para a Etnografia, a Linguística e a Geografia do Brasil. A *Flora Brasiliensis*, que começou a publicar a partir de 1850, e na qual colaboraram os maiores botânicos da época, representa um dos maiores monumentos da ciência universal. Seu livro de viagens, escrito em colaboração com Spix (*Reise in Brasilien*) foi publicado em Munchen entre 1823 e 1831.

Pohl, Johann Emmanuel (1784-1834). Naturalista austríaco. Viajou pelo interior do Brasil de 1817 a 1821, deixando numerosos trabalhos sobre a flora brasileira, além do relato de viagem *Reise in innern von Brasilien*, publicado em Viena em 1837.

Saint-Hilaire, Auguste de (1799-1853). Botânico francês. Viajou pelas partes meridionais do Brasil de 1816 a 1822, publicando,

a partir de 1830 os relatos de suas viagens, os quais revelam, além de sólido conhecimento do passado do país, um alto espírito de compreensão, o que os torna indispensáveis para o entendimento das condições de vida no Brasil na primeira metade do século XIX e os situam entre as maiores obras da literatura de viagens de todos os tempos. Todos os relatos de viagem de Saint-Hilaire, com exceção apenas da primeira viagem à província de São Paulo, foram editados, em português, na preciosa coleção “Brasiliana”, da Companhia Editora Nacional, e quanto ao volume relativo a São Paulo, pode ser encontrado na “Biblioteca Histórica Brasileira”, da Livraria Martins Editora. Lamenta-se, apenas, que somente na primeira e na terceira partes da obra de Saint-Hilaire (*Voyage dans les Provinces de Rio de Janeiro et Minas Geraes* e *Voyage aux sources du rio São Francisco e dans la Province de Goyaz*) a tradução tenha sido feita segundo o plano da edição original francesa. As demais partes foram fragmentadas, constituindo volumes separados para as diversas províncias visitadas pelo grande sábio.

* * *

*

1. — BARBACENA (*Saint-Hilaire*, 1871).

Julgava que Barbacena, situada na extremidade das imensas fíoz que acabávamos de atravessar, não apresentasse mais que uma reunião de miseráveis choupanas, e fiquei agradavelmente surpreendido de encontrar uma pequena cidade que pode rivalizar com todas as da França de igual população.

Essa localidade, que depende da comarca do Rio das Mortes, não era, antigamente, mais que uma povoação, e tinha o nome de *Arraial da Igreja Nova*. O Visconde de Barbacena, governador da província das Minas, ficou impressionado com a posição vantajosa dessa povoação; concedeu-lhe privilégios, fez erguer a vila por um decreto do ano de 1791, deu-lhe seu nome, e para lá atraiu habitantes. Contam-se aí, atualmente, duzentas casas com uma população de duas mil almas, e avaliava-se a de toda a paróquia com nove ou dez mil almas em um raio de dez léguas aproximadamente.

Embora agradavelmente cortados por campinas e algumas moitas de a voredo, os arredores de Barbacena são, geralmente, bastante áridos; encerram atualmente muito pouco ouro, e é, por assim dizer, unicamente devido à passagem das cara-

vanas que essa vila vive. Depois de dez, doze, ou mesmo quinze dias através de matas, os tropeiros compram sempre alguma coisa na primeira cidade que encontram, e os que vêm de diversas partes da província de Minas para se dirigir ao Rio de Janeiro, procuram prover-se em Barbacena dos artigos que lhes faltam, porque sabem que mais longe não acharão o menor recurso.

O ar que se respira em Barbacena é extremamente puro, mas a água é pouco abundante.

Essa vila foi edificada sobre a crista de duas colinas alongadas, uma das quais termina perpendicularmente ao meio da outra. Sua forma é aproximadamente a de um T, e aí se contam duas ruas principais que são bem traçadas e bastante largas; uma delas é calçada em toda a largura, e as outras o são unicamente em frente às casas. Estas são, em geral, pequenas e baixas, e a maioria não consta de mais que o rés-do-chão; mas são todas caiadas, seus tetos pouco elevados são cobertos de telhas, e apresentam, exteriormente, um aspecto de limpeza que agrada à vista. As portas e janelas são menos multiplicadas que no Rio de Janeiro, e suas esquadrias pintadas de cinza ou amarelo contrastam agradavelmente com a brancura das paredes. Algumas janelas têm caixilhos, porém a maioria é feita de um gradeado cruzado obliquamente.

A maioria das casas possui um pequeno jardim; entramos no de um comerciante conhecido do Sr. Ildefonso, e aí vimos latadas carregadas de belos cachos de uva, pessegueiros cobertos de frutos, algumas das flores cultivadas nos jardins da Europa, tais como cravos, escabiosas, amores-perfeitos; enfim, belíssimos legumes, e, entre outros, batatas. Os jardins que vimos, de um dos lados da grande rua, se estendem pela encosta da colina, e, a maior parte, sustentados por muralhas, formam pequenos terraços. Quase todos os muros de cerca são construídos de paralelepípedos de argila secos ao sol, e que podem medir cerca de um pé e meio de comprimento por quatro polegadas de espessura (*adobes*); são cobertos com telhas ocas, ou com sapé.

Contam-se em Barbacena quatro igrejas que não oferecem nada de notável, e das quais uma não está ainda acabada. A paroquial, dedicada a Nossa Senhora da Piedade, está edificada isoladamente ao meio de uma praça formada pelo encontro de duas ruas principais. Em frente a essa igreja está a coluna que designa sempre as sedes de judicatura. A cada uma dessas colunas, geralmente construídas de pedra, está preso um argolão,

e são encimadas por um gládio horizontal, ou melhor, uma espécie de cimitarra e uma esfera armilar.

(...) Passamos um dia em Barbacena, e tive ocasião de observar os trajes que as mulheres usam na igreja. A maior parte trazia sobre os ombros grandes capas de um tecido pesado e espesso, geralmente cor de rosa ou escarlate, de mangas pendentes e gola larga. As mais velhas, as menos ricas, e grande parte das negras tinham a cabeça coberta por um toucado que excedia a frente à maneira de uma coifa, e, passando sob o queixo dessas damas, cobria-o às vezes com uma parte da boca; outras senhoras mais elegantes tinham o xale arranjado como turbante, e as mais bem vestidas, enfim, não usavam coisa alguma à cabeça. Essa maneira de trajar se encontra, quase sem nenhuma diferença, nas diversas partes da província de Minas.

Quando, nessa província, como mais ou menos em todo o resto do Brasil, uma família se dirige à Igreja, as mulheres caminham em seguida umas às outras, o mais lentamente possível, e formam assim uma espécie de procissão. Não dizem nada, não voltam a cabeça nem à direita nem à esquerda, olham para os que passam de soslaio, e respondem apenas por um ligeiro movimento de cabeça à saudação que lhes fazem.

Há em Barbacena várias lojas muito bem sortidas, muitas *vendas* e algumas hospedarias.

Em parte alguma da província a mão-de-obra é tão cara como nessa vila, o que decorre de que sendo esta continuamente atravessada por viajantes pressurosos de chegar a seu destino, se vêem forçados a aceitar as imposições dos artifices.

Barbacena é célebre, entre os tropeiros, pela grande quantidade de mulatas prostitutas que a habitam, e entre cujas mãos esses homens deixam o fruto do trabalho. Sem a menor cerimônia, vêm oferecer-se essas mulheres pelos albergues; muitas vezes, os viajantes as convidam para jantar e com elas dançam *batuques*, essas danças lúbricas que, não o podemos dizer sem vergonha, se tornaram nacionais na província de Minas. Pela facilidade com que o dono do nosso alambique parecia admitir que se fizesse de sua casa um lugar de deboche, concebe-se que eu o tenha julgado com alguma severidade; mas, depois de ter conversado muito tempo conosco, reconheci nele um homem bastante digno, que não fazia mais que conformar-se com os costumes gerais.

No dia em que chegamos a Barbacena, falaram-nos de um desses espetáculos ridículos denominados *presépio*, em que se

fazem representar por títeres cenas tiradas da Sagrada Escritura. Resolvemos, a princípio, ir ver o *Presépio*; mas renunciamos logo ao projeto, quando soubemos por um officioso que era a nós que queriam fazer pagar o custo do espetáculo. Em Barbacena, e provavelmente alhures, ninguém paga nada à porta do *presépio*; mas os atores proclamam honrosamente o nome dos que querem que custeiem a função e, ao mesmo tempo, apresentam-lhes um prato em que depositam seu dinheiro. Frequentemente, romeia-se um comparsa antes do estrangeiro escolhido para a vítima; aquele coloca generosamente no prato uma soma que se lhe restitui depois, e o acanhamento impede a pessoa que não está no segredo de dar menos que os que o pederam. Estavam tão resolvidos a proceder conosco dessa maneira, que o espetáculo deixou de se realizar quando se soube que não pretendíamos assistir a ele. Aliás, o espetáculo de Barbacena, frequentado principalmente por mulheres de má vida, não era mais, ao que parece, um lugar de tolerância.

*

2. — BARBACENA (*Pohl*, 1819).

Consta essa cidade de trezentas casas, na maioria construídas de madeira e barro, mas cobertas de telha. Poucos edifícios têm sobrado. Quase nenhuma se pode comparar com uma casa de cidade da Europa. As ruas são bastante direitas, cortam a cidade na direção dos quatro pontos cardeais e são mal calçadas. A rua principal, em direção a Vila Rica, apresenta no meio, construída de pedra, a igreja de Nossa Senhora da Piedade, matriz de toda a paróquia. Os altares são de tábuas nuas, branqueadas a cal. Duas torres baixas servem de ornamento. Inteiramente insignificantes são as outras capelas, de São Francisco de Paula, Nossa Senhora do Rosário e Boa Morte. Em lugar da última, está sendo construída uma nova que, diz-se, terá os pilares e o púlpito de uma pedra serpentina que aflora na vizinhança. Pena é que aqui não se saiba polir. São magníficos os panoramas que se gozam de muitos pontos, especialmente em direção do Sul e da Serra da Mantiqueira. Mas arrepiame recordar-me do símbolo da justiça criminal que Barbacena possui, como todas as vilas. Em frente do tribunal e cadeia, havia uma coluna erecta, com quatro braços de ferro, em um dos quais estava pendurada uma mão humana seca. Na coluna, viam-se, gravadas, uma grande faca atravessada e (o que me pareceu muito impróprio) as armas nacionais.

A cidade é escassamente servida de água, que é trazida de uma fonte ao pé da colina, um pequeno braço do rio das Mortes, tendo de ser transportada com muito trabalho. Em janeiro de 1815 a população da paróquia de Barbacena elevava-se a 14.064 almas. A maioria dessa população vive dispersa e sustenta-se com a criação de gado (especialmente criação de porco) e cultura de café, milho, mandioca etc. Os habitantes da cidade vivem mais do comércio; quase todas as casas têm um armazem de secos e molhados. O medo de impostos elevados desvia-os da agricultura (ao que se ajunta a falta de água e de escravos) e, por este motivo, acham-se agora inteiramente paralisadas as lavras de ouro, que estão entre as mais antigas da Capitânia e que outrora foram muito exploradas.

*

3. — CONGONHAS DO CAMPO (*Saint-Hilaire*, 1818).

A aldeia é construída entre dois morros opostos, entre os quais corre o riacho que tem o mesmo nome da povoação. O rio das Congonhas servia de limite entre a comarca de Vila Rica e a São João del-Rei, e assim a aldeia pertence a duas comarcas diferentes. A maior parte das casas se acha sobre o morro que fica à margem direita do riacho, e é no alto desse morro, no meio de uma praça alongada, que se acha a igreja paroquial, notavel por seu tamanho. No morro fronteiro ao que acabo de falar, vê-se a igreja do Senhor Bom Jesus de Matozinhos, que goza de grande celebridade, não somente nos arredores, mas fora da província. Os devotos para ali se dirigem, vindos de muito longe e, na época da festa do padroeiro, que se celebra em setembro, a aldeia fica cheia de forasteiros e devotos.

Congonhas do Campo deve sua fundação a mineradores que encontraram muito ouro nas margens do rio Santo Antônio, bem como nas do rio Congonhas e ao redor da aldeia; as encostas dos morros rasgadas e reviradas de todos os modos atestam o trabalho de maior vulto. Congonhas cai então em decadência, como tantas outras aldeias, vendo-se grande número de casas mal conservadas ou mesmo abandonadas.

O que ainda mantém esse pequeno povoado é que ele tem a vantagem de estar situado em uma das estradas que vão de Vila Rica a São João del-Rei, e que os peregrinos que a devoção af leva, sempre deixam algum dinheiro. Existe tambem nos arredores um pequeno número de minerações em ativida-

de, e várias fazendas muito importantes. Fazem-se algumas criações de gado nos campos e cultiva-se nos capões.

(...) Está visto que eu não deixaria Congonhas sem ir visitar a igreja de Nosso Senhor Bom Jesus de Matozinhos, que é, para essa região, como observa Luccock, o que é, para a Itália, a Nossa Senhora do Loreto. Essa igreja foi construída no cume de um morro, no meio de um terraço pavimentado de largas pedras e circundado por um muro de arrimo. Diante dela, colocaram sobre os muros da escadaria e do terraço estátuas de pedra representando os profetas. Essas estátuas não são obras-primas, sem dúvida; mas, observa-se, no modo pelo qual foram esculpidas, qualquer coisa de grandioso, o que prova no artista um talento natural muito pronunciado. Elas são devidas a um homem que residia em Vila Rica e que demonstrou, desde a infância, grande vocação pela escultura. Muito jovem ainda, disseram-me, ele resolveu tomar não sei que espécie de bebida, com a intenção de dar mais vivacidade e elevação a seu espírito; mas perdeu o uso de suas extremidades. Entretanto, prosseguiu no exercício de sua arte; fazia prender as ferramentas na extremidade do antebraço e foi assim que fez as estátuas da igreja de Matozinhos.

Essa igreja é pequena, mas rica, conservada limpa e ornada de um grande número de quadros feitos em Vila Rica, dos quais vários denotam felizes inclinações para a pintura. A imagem que constitui objeto de veneração dos devotos foi colocada no interior do altar-mor, e representa Jesus Cristo morto. Beijam-se os pés dessa imagem para merecer indulgências; depois depositam-se esmolas. Acima do altar, elevam-se pequenos degraus ornados de pequenas figuras de anjos segurando castiçais, sendo que alguns têm os cabelos ridiculamente levantados em topete. A sacristia é grande e muito bonita. De um dos lados do templo existe uma casa chamada "Casa dos Milagres", onde se acham reunidas em uma grande sala uma tão prodigiosa quantidade de oferendas e membros de cera, que não cabe mais nada. Enfim, atrás da igreja, vêem-se duas construções compridas, colocadas em frente uma da outra e que são destinadas a abrigar os peregrinos e confrades estrangeiros.

Quando de minha viagem, tencionavam construir, um pouco abaixo da igreja de Matozinhos, na vertente do morro em que ela se acha, sete capelas representando os principais mistérios da paixão de Jesus Cristo. Três dessas capelas já haviam sido construídas; são quadradas e terminam por um pequeno zimbório

cercado por uma balastrada. No começo de 1818 apenas uma delas estava terminada internamente e aí se via a cena representada por imagens de madeira, pintadas, de tamanho natural. Essas imagens são muito mal feitas, mas, como são obras de um homem da região, que nunca viajou e nunca teve um modelo com que se guiasse, elas devem ser julgadas com certa indulgência.

*

4. — DIAMANTINA (*Saint-Hilaire*, 1817).

As ruas de Tijuco são bem largas, muito limpas, mas muito mal calçadas; quase todas são em rampa, o que é consequência do modo em que a aldeia foi colocada. As casas construídas, umas em barro e madeira, outras com *adobe*, são cobertas de telhas brancas por fora e geralmente bem cuidadas. A cercadura das portas e das janelas é pintada de diferentes cores, segundo o gosto dos proprietários e, em muitas casas, as janelas têm vidraças. As rótulas, que tornam tão tristes as casas de Vila Rica, são muito raras em Tijuco, e os telhados aqui não fazem abastão grandes para fora das paredes. Quando fiz minhas visitas de despedida, tive ocasião de entrar nas principais casas de Tijuco, e elas pareceram-me de extrema limpeza. As paredes das peças onde fui recebido estavam caiadas, os lambris e os rodapés pintados à imitação de mármore. Quanto aos móveis, eram sempre em pequeno número, sendo em geral tamboretas cobertos de couro cru, cadeiras de grande espaldar, bancos e mesas.

(...) Apesar de ser cabeça do Distrito dos Diamantes, o lugar foi durante muito tempo uma sucursal; entretanto, contam-se aí sete igrejas principais e duas capelas. Todos esses edifícios são pequenos, mas ornamentados com gosto e muito limpos.

(...) Como não são permitidos os conventos em toda a província, não seria de esperar existisse algum no Tijuco; entretanto, existe aí um asilo onde se educam moças e outro de frades da ordem terceira de São Francisco, encarregados de recolher as esmolas que os fieis consagram ao Santo Sepulcro. (...) Aí por volta de 1787, um eremita, tendo excitado a caridade dos fieis, reuniu esmolas muito abundantes para fundar um hospital. Adquiriu uma casa em um local muito arejado e dotou o estabelecimento dos objetos necessários. O eremita esmolava; estimulava o orgulho dos habitantes, e o hospital durou enquan-

to seu fundador permaneceu no Tijuco. Mas esse útil cidadão, tendo-se aborrecido com certos atos das autoridades locais, retirou-se; as esmolas tornaram-se menos abundantes e o hospital foi abandonado. Aqui é mais difícil, que na Europa, fundar estabelecimentos de beneficência capazes de subsistir por muito tempo. Sustentados por donativos, diários, tais estabelecimentos devem ter vida precária. E, qual é aqui a natureza de fundos sólidos? Os escravos têm curta existência. Na Europa, as propriedades territoriais são justamente consideradas como as mais seguras; na região das Minas, elas nada valem. No seio de um povo quase nômade, as casas também perderam seu valor; e o infeliz sistema de agricultura introduzido em Minas Gerais destruiu rapidamente as fazendas situadas na parte menos deserta dessa província. Aliás, as fazendas só raramente produzem, administradas que são por feitores pouco interessados em cumprir seus deveres; de outro lado, onde encontrar homens que queiram arrendar terras, quando se pode fixar, sem retíbulção alguma, nos terrenos alheios, quando, com poucos gastos, pode-se tornar proprietário?

(...) Há diversas praças públicas em Tijuco, mas são tão pequenas e irregulares que apenas merecem o nome de encruzilhadas. As lojas são providas de toda a sorte de panos; nelas se encontram também chapéus, comestíveis, quinquilharias, louças, vidros e mesmo grande quantidade de artigos de luxo, que causam admiração sejam procurados a uma tão grande distância do litoral. Essas mercadorias são quase todas de fabricação inglesa e são vendidas em geral por preços muito módicos, tendo-se em vista a distância e a dificuldade de transportes. A Bahia fornece alguns artigos, mas como essa cidade está a cerca de 240 léguas de Tijuco e como a estrada oferece pouca comodidade aos viajantes, faltando mesmo em alguns lugares, é com o Rio de Janeiro que os comerciantes de Tijuco mantem suas relações comerciais mais importantes. Contam-se 134 léguas dessa bonita povoação à capital do Brasil, e se os caminhos são bem mais difíceis que os da Bahia, ao menos encontram-se ranchos em distâncias bem mais próximas.

(...) Em toda a província de Minas, encontrei homens de costumes delicados, cheios de afabilidade e hospitaleiros; os habitantes de Tijuco não possuem tais qualidades em menor grau, e, nas primeiras classes da sociedade, elas são ainda acrescidas por uma polidez sem afetação e pelas qualidades de sociabilidade. Encontrei nessa localidade mais instrução que em todo o resto do Brasil, mais gosto pela literatura e um de-

sejo mais vivo de se instruir. Vários moços, cheios de nobre entusiasmo, aprenderam o francês, sem terem mestres; conhecem nossos melhores autores e alguns mesmo, praticando muito entre si, chegaram a falar nossa língua de modo inteligível com o auxílio único de uma gramática muito mal escrita. Os habitantes de Tijuco são principalmente notáveis na arte caligráfica e podem a esse respeito rivalizar com os mais hábeis ingleses. Tanto quanto pude julgar, não são menos hábeis na arte musical que os outros habitantes da província, e uma missa cantada a que assisti na igreja de Santo Antônio não me pareceu inferior à que assisti alguns meses antes na Vila do Príncipe. Pouco tempo antes de minha partida, pedi licença à Sra. Matilde da Câmara para ofertar-lhe um caderno de músicas. Logo após, o Intendente ofereceu-me um concerto em que figuravam lindas variações sobre uma ária do caderno.

*

5. — FORMIGA (*Saint-Hilaire*, 1819).

Formiga está situada perto do rio que tem o seu nome, em um grande vale limitado por colinas cobertas de pastagens e bosques. As ruas dessa povoação são mal alinhadas, as casas afastadas umas das outras, e quase todas pequenas e mal conservadas. A igreja está construída na extremidade de uma grande praça, sobre uma plataforma um pouco mais elevada que o resto da vila; não tem teto, é quase nua no interior, e corresponde perfeitamente ao estado miserável das casas.

Vêm-se em Formiga várias lojas e vendas mal sortidas. Uma tabuleta muito visível, encimada pelas armas de Portugal, indicava então onde se vendiam as bulas da Santa Cruzada. A loja melhor provida pareceu-me ser a do boticário; o que exercia essa profissão era ainda um padre, que ele mesmo preparava os remédios, vendia-os e não deixava de dizer missas todos os dias.

Apesar da indigência que anuncia o aspecto de Formiga, parece que há gente bastante rica nos seus arredores e na própria vila. Localizada às portas do Sertão, Formiga faz um comércio considerável com essa zona. Os marchantes entretem relações diretas com o Rio de Janeiro; enviam para o interior do Sertão o sal, o ferro e outras mercadorias que recebem da capital, e recebem, em troca, couros, peles de veado, algodão e gado; os próprios arredores de Formiga produzem muito algodão, mas são os porcos que constituem a principal riqueza do distrito. Cria-se em quantidade até mesmo nas menores fazendas; os mercadores os compram e enviam em varas à capital do Brasil.



6. — ITABIRA DO MATO DENTRO (*Saint-Hilaire*, 1817).

Apesar da diminuição que poderia ter sofrido nos produtos das minas, esse distrito era ainda, por ocasião da minha viagem, um dos que mais ouro poduziam; assim, a povoação de Itabira se achava numa fase de notavel esplendor. Nada aí fazia lembrar esse ar de decadência que aflige o viajante quando percorre os arredores de Vila Rica, ou mesmo quando atravessa as povoações de Inficionado, Camargos e Catas Altas. Havi aí muitas casas lindas de sobrado, e construíram-se novas, apesar dos enormes dispêndios que era necessário fazer para retirar madeiras dos morros vizinhos. Quase todas eram construídas de *barauna* ou *brauna*, madeira que se conserva tão bem que se considera incorruptível; as peças que formavam o arcabouço das construções repousavam sobre alicerces de pedra; os tetos avançavam, talvez, um pouco menos que os de Vila Rica, e as janelas não se superpunham uma às outras, como no Rio de Janeiro. Se três lavras, com trezentos operários, assim metamorfosearam um miseravel povoado em uma importante povoação, o que será quando explorarem os morros do rio do Peixe, do Piçarrão, do Periquito e do Doze Vintes, que, segundo todos os indícios, são abundantíssimos em ouro?

Essas minas, entretanto, atualmente ricas, esgotar-se-ão como as de Vila Rica, Catas Altas etc.; e se a exploração do ferro, que abunda no distrito, são se tornar uma fonte mais duravel de riqueza, nada poderá reter os habitantes sobre um morro árido, cujos arredores, despojados de terra vegetal pelos mine-radores, serão pouco próprios para a agricultura. Enquanto esperam, os lavistas de Itabira, confiantes em um futuro incerto, gastam seu ouro à medida que o retiram da terra. Mais de uma vez o produto de suas minas foi insufficientes para prover a suas necessidades e caprichos, e, artes do estabelecimento das forjas, vários deles tinham quebrado.

Os cereais e a carne que se consomem em Itabira vêm das fazendas vizinhas .

Essa povoação depende da jurisdição de Vila Nova da Rainha ou Caeté, que está a quatorze léguas de dsitância, e dista dezessete léguas da intendência da comarca. Essas distâncias não são, sem dúvida, muito consideráveis para o Brasil; são-no, todavia, o bastante para que a falta de policiamento se faça sentir aí, do mesmo modo que em tantas outras povoações.

As igrejas de Itabira são muito pequenas para a população. Devo mencionar a do Rosário, onde ouvi um órgão que fora construído na própria localidade.

*

7. — JUIZ DE FORA (*Burton*, 1867).

A cidade compreende três partes distintas: Santo Antônio, ou cidade propriamente dita, a estação da Companhia União e Indústria e a colônia alemã D. Pedro II. A situação é boa: 2.000 pés acima do nível do mar. A leste fica o vale sinuoso do rio. Para oeste, fica uma elevação coberta de floresta dominando a vista da Fortaleza e das montanhas de Petrópolis. É chamada Alto do Imperador, depois da visita imperial. Há um belo caminho que conduz até lá.

A colônia alemã continha cerca de mil almas, em limpas cabanas, e os habitantes pareciam pobres e desgostosos. Em junho de 1867, parece que não havia muita pressa em terminar uma Escola Prática de Agricultura. Depois disso, fui informado de que o estabelecimento está pronto, que o material foi importado e que tudo está funcionando esplendidamente.

A estação em que nos hospedamos orgulha-se de nada ter que ver com a "cidade velha". Compreende, além do *chateau* no morro, e do *chalet*, uma capela, duas ou três casas passáveis, uma pequena hospedaria, coqueiras, habitações para negros e grandes armazéns de depósito de café e algodão.

A cidade é um habitual misto de miséria e esplendor. Juiz de Fora é uma única rua, ora poeirenta, ora enlameada, ou melhor, uma estrada, ao longo da qual alinham-se pares de palmeiras. Seu único mérito é a largura. Quando se introduzirem os bondes no Brasil, essa vantagem será devidamente apreciada. As moradias são baixas e pobres, pela maior parte de "porta e janela", como se diz aqui. Entre elas, porém, há grandes e espaçosas casas de cidade, com abacaxis dourados no telhado e bolas de vidro nas sacadas à francesa, repuxos fantásticos, ângulos encacheados, pássaros de barro e de cal dispostos pelos muros e todas as extravagâncias arquitetônicas do Rio de Janeiro. Aqui se reúnem os ricos e suas famílias, homens, mulheres e crianças, negros, negras e negrinhos vindos à igreja. Não há nenhuma diversão nessas ocasiões. Há homens que jogam como polacos e russos. Os lucros de uma safra de café e algodão não raro se perdem no monte ou no voltarete, como em Paris no *baccarat*. Os edifícios públicos são miserá-

veis. Um arrombador de Londres não ficaria na cadeia nem um quarto de hora. A coletoria, em que se pagam os impostos provinciais, parece pequena. A matriz de Santo Antônio, no fundo de uma minúscula praça, está em estado tolerável, mas a capela no morro não tem torre e ameaça ruína. Vimos aqui pela primeira vez um dos altos cruzeiros de Minas, introduzidos provavelmente pelos missionários italianos e que fazem lembrar a Normandia. São ornados com todos os instrumentos da Paixão — escada, lança, esponja, coroa de espinhos, martelo, cravos, pinça e um curioso galo de madeira.

O dia seguinte ao de nossa chegada, domingo, foi de absoluto repouso. A estação se orgulha de uma elegante capela, notável pela limpeza e pela simplicidade dos ornamentos. O interior se compõe de um altar liso e bancos de madeira envernizada, um quadro de Assunção e três castiçais de cada lado de um cruxifixo de prata. Ninguém fica de cócoras no chão. Além disso, não é permitida a entrada de cães, e não há escarradeiras. O cuspo, devo notar, e um hábito popular no Brasil e nos Estados Unidos. A maioria dos homens cospe com a maior naturalidade, tal como outros assobiam por falta de idéias; há também os que consideram higiênico esse costume e procuram, pois, conservar um hábito saudavel ou mesmo contrai-lo a fim de desenvolver o apetite. Donde concluo que o hábito de cuspir é tão natural como o de falar, e a sua repressão é artificial, justificada somente pelos soalhos encerados ou atapetados.

A parte mais agradável do dia, passamo-la no jardim e nos terrenos do *chateau*. Eu já havia conhecido anteriormente o proprietário. Comendador Mariano Procópio Ferreira Lage. Estava ele mais uma vez na Europa nessa ocasião. Em 1853 organizou a Companhia União e Indústria, de que ainda é operoso presidente. Fez de Juiz de Fora uma cidade, a capela foi por ele fundada, o *chalet* era propriedade sua. Fundava um bosque e um pomar no local que doze anos antes não passava de um pântano, à direita do Paraíba.

Nosso gosto exigente de ingleses não encontraria defeitos na casa ou no jardim, salvo ser um pouco extravagante; o contraste com a natureza era de algum modo violento: uma vilajardim italiana, no meio de uma floresta virgem, choca pelo imprevisto. O *chateau*, que vale de 30.000 a 40.000 libras, tem cores e medalhões demais. Por trás dele, há também uma ponte que leva a um pavilhão apeteçado, tudo de ferro fundido, a ponto de parecer, de longe, com um viaduto. Um pequeno

lago com ilhotas tufadas de bambú, minúsculas pontes chinesas e botes de roda movidos por negros em vez de vapor, a Gruta das Princesas, os bancos, os caramanchões e as estatuetas rústicas de madeira são ninharias demasiadamente artificiais.

*

8. — JUIZ DE FORA (*Canstatt*, 1871).

Juiz de Fora fica a 700 metros acima do nível do mar e a 144 quilômetros de Petrópolis, é um ponto importante na grande estrada que a Companhia União e Indústria construiu através das Províncias do Rio de Janeiro e de Minas Gerais e em cuja construção gastaram-se cinquenta anos. Os edifícios pertencentes à Companhia destinam-se à moradia dos empregados na construção da estrada, estando também instaladas neles as cocheiras, serrarias, olarias, forja e fábrica de carroças. É digna de menção, em Juiz de Fora, a bela propriedade dum brasileiro rico que, como fundador duma vizinha colônia alemã, merece ser registrado. Seu nome é Ferreira Lage. Em 1857 mandou aliciar na Alemanha um certo número de artífices e jornaleiros com a intenção de além dos bons salários pagos pela construção da estrada, reservar-lhes um lote de terreno próprio na sua colônia Pedro II. Devido certamente à incompetência do diretor nomeado por Ferreira Lage, a colônia alemã perto de Juiz de Fora por muito tempo não prosperou, e só quatro anos depois da demissão do diretor incompetente foi que as condições dos colonos alemães melhoraram um pouco. Entre esses imigrantes encontram-se prussianos, holsteinenses, badenses e, sobretudo, muitos tirolezes e hessianos. As condições das escolas e da igreja da colônia são ainda muito más. Conforme os últimos dados oficiais, Juiz de Fora tem atualmente 1.296 habitantes, dos quais 1.170 são alemães e 126, brasileiros. A instrução primária é ministrada por duas escolas católicas e uma protestante para meninos. Foram frequentadas, em 1874, por 146 meninos. Os produtos da colônia são principalmente milho, arroz, legumes e frutas. Existem lá também muitos moinhos, serrarias e pequenos estabelecimentos industriais.

*

9. — MARIANA (*Saint-Hilaire*, 1817).

A cidade de Mariana é rasgada por ruas longitudinais, que cortam outras ruas, oblíquas relativamente às primeiras, e, apor-

ximadamente, paralelas entre si. As ruas longitudinais, que seguem a crista da colina, vão descendo de modo insensível; as transversais estendem-se sobre o flanco da colina por uma rampa um tanto íngreme. Todas são regularmente calçadas; e, em geral, direitas e bastante largas, principalmente as duas ruas longitudinais, chamadas *rua Direita* e *rua das Cortes*. A primeira leva à praça chamada da *Cadeia*, a outra termina na chamada das *Cavalhadas*.

É ao meio da praça da *Cadeia* que está a coluna encimada pela esfera dourada que indica ser a cidade a sede de uma jurisdição. Essa praça é pequena e quadrada. Um dos seus lados é formado pela *casa da câmara*, edifício pouco imponente, porem regular e bem conservado, que compreende a prisão; dois dos outros lados são ocupados por outras tantas igrejas. A praça chamada das *Cavalhadas* é um quadrilátero alongado e coberto de grama; é lá que nos festejos públicos se fazem as corridas a cavalo e os torneios.

A cidade de Mariana constitui uma única paróquia, mas nela se contam nove igrejas incluindo a catedral. O palácio episcopal está situado fora da cidade. É um edifício bastante longo, que nada apresenta de notavel, e que mostra, do lado de dentro, um corpo de habitação principal e duas alas. Tinham-me gabado muito seu jardim, e, efetivamente, das elevações próximas, pareceu-me desenhado com regularidade, e ser maior e melhor tratado que todos os outros que vira no resto da província. Passando, de volta da viagem, diante do bispado de Mariana, vi dois sacerdotes a uma janela; adiantei-me e pedi a um deles permissão para entrar no jardim. Enviou-me ao outro padre, e este me respondeu, com pouca amabilidade, que a permissão solicitada só me poderia ser concedida pe'o vigário-geral, que, desde a morte do último bispo, governava a diocese. Como já tinha visto o jardim dos lugares elevados que o dominam, achei que não valia a pena fazer essa diligência, e retirei-me, manifestando minha surpresa de que se fizesse tanta dificuldade por tão pouca coisa, e lamentando, confesso-o, não ter no momento comigo meu passaporte para opor a autoridade do governador à impolidez desses senhores. Foi, aliás, a única recusa desse gênero que experimentei durante as viagens de vinte e dois meses que fiz pela província das Minas, e aí fui recebido, pelos eclesiásticos em particular, da maneira mais acolhedora.

P óximo ao palácio episcopal e à margem direita do ribeirão do Carmo, vêem-se os edificios do antigo Seminário. Formam um quadrilátero alongado bastante irregular, e são imensos; mas,

como estão abandonados há vários anos, ameaçam ruína por todos os lados. O seminário de Mariana foi fundado por alguns mineiros ricos que desejavam educar bem seus filhos, sem precisar enviá-los à Europa. Tinham-se anexado ao patrimônio desse estabelecimento terras e escravos, e nada fora esquecido para fazê-lo digno do fim a que se destinava. Se entre os proprietários de certa idade que habitam os campos das comarcas de Sabará e Vila Rica encontram-se outros tantos homens educados e com certa instrução, deve-se isso em grande parte à instrução recebida no seminário de Mariana. Entretanto, as terras que o estabelecimento possuía esgotaram-se e os escravos morreram; os mineradores, cuja riqueza diminuíra, não estavam mais em condições de fazer novos sacrifícios, e acabaram-se os meios de pagar professores competentes. Era o momento das autoridades eclesiásticas e civis se reunirem para vir em socorro de um estabelecimento tão útil à província e que, já fundado, só necessitava de ser mantido; mas, para tanto, seria necessário não só estar animado de zelo pelo bem público, porém, ainda, desenvolver alguma atividade, saber formar um plano, segui-lo com perseverança e vencer as pequenas intrigas que, no Brasil mais que em qualquer outra parte, se opõem às iniciativas úteis. Achou-se mais cômodo fechar o seminário e deixá-lo cair.

*

10. — MARIANA (*Burmeister*, 1851).

Mariana é a cidade dos padres, causando, por isso uma impressão de calma e serenidade, mas também de tédio e falta de animação. As ruas são desertas e invadidas pelas ervas sendo diminuto o movimento de pessoas.

(...) A preponderância do clero nessa cidade explica-se: com seus cinco mil habitantes e quinhentas casas, possuía oito igrejas e quatro capelas, sendo as melhores construções existentes o palácio episcopal, o seminário da Diocese e um instituto de irmãs de caridade. (...) Como nunca tive grande simpatia pelo clero em geral e como sempre me senti avesso às frases simbólicas, parabólicas e hiperbólicas com que costumam florear seus sermões, contrariando os nossos verdadeiros sentimentos e prejudicando a nossa concepção e capacidade crítica, não fui tentado a apresentar minhas homenagens a Sua Eminência o Bispo. Disseram-me tratar-se de um homem muito bom, exclusivamente dedicado ao seu ofício e que apenas falava português. Encontrei, nas ruas, vários padres, metidos em suas ba-

tinhas e com chapéus diversos que, pela forma, pareciam indicar o grau hierárquico. Todos eles afáveis, esquivavam-se, porém, de conversações minuciosas. E, de minha parte, sabia ainda muito pouco português para poder entreter palestra aproveitável.

O seminário de Mariana, que foi construído a expensas de mineiros ricos, perdeu, com a diminuição da produção aurífera, grande parte de suas subvenções, havendo beirado a ruína cerca de vinte anos atrás. A província e o Governo passaram então a subsidia-lo em partes iguais. (...) Essa instituição tem, na sua atual organização, finalidade dupla: nele funciona a escola para a população da cidade e dos arredores e também o seminário, onde os estudantes de teologia se preparam para seu ofício. Mais tarde, tive oportunidade de conhecer a escola, pois os dois filhos do meu hospedeiro frequentavam-na. Pelo que eles me mostraram, pude verificar que o programa de ensino adotado era idêntico aos dos nossos ginásios, com exceção do grego e dos estudos modernos de ciências naturais. (...) Os livros didáticos menores eram impressos em Mariana, onde havia uma tipografia episcopal, muito ocupada em imprimir e editar livros de assuntos religiosos e de cânticos, catecismos e jornais políticos.

*

11. — OURO PRETO (*Saint-Hilaire*, 1817).

Existe, na verdade, uma casa de espetáculos em Vila Rica; como, porém, vamos ver, bem pouco compensa a falta de tantas outras comodidades. Após subir-se uma rua excessivamente íngreme, chega-se a uma casa de aparência mesquinha; é lá que se fazem as representações. A sala é bastante bonita, porém pequena e muito estreita. Tem quatro ordens de camarotes, cuja frente é fechada por balaustradas rendadas que não produzem mau efeito. Só os homens ficam na platéia, e aí se sentam em bancos. Até agora, não se tentou iluminar a sala de outra maneira que não a de colocar velas entre os camarotes. A cortina representa as quatro partes do mundo pintadas do modo mais grosseiro; entre, porém, as decorações, que são variadas, há algumas suportáveis. Os autores têm o cuidado de cobrir o rosto com uma camada de branco e vermelho, mas as mãos traem a cor que a natureza lhes deu e provam que a maior parte deles é de mulatos. Não têm a menor idéia de indumentárias; e, por exemplo, em peças tiradas da história gre-

ga, vi personagens vestidos à turca e heróínas à francesa. Quando esses atores gesticulam, o que raramente sucede, poder-se-ia pensar que são movidos por molas, e o ponto, que lê as peças enquanto eles a declamam, fala tão alto que frequentemente sua voz mascara completamente a dos intérpretes.

Vila Rica goza de uma vantagem inapreciável. Por todos os lados, uma água excelente brota dos morros em que foi construída essa vila. Aproveitaram-se dessa circunstância para construir grande número de chafarizes; estes, porem, nada apresentam de notável.

Quase todas as casas estão mal conservadas e têm um ar tristonho que devem à cor escura de suas gelosias e ao matiz enegrecido que adquirem rapidamente as telhas de barro quando expostas ao ar. De permeio, no entanto a uma multidão de casas péssimas, vêem-se algumas bastante bonitas, sobretudo na rua principal, que tem o nome de *Rua Direita*, embora seja irregular.

Como alguns dos morros sobre os quais se construiu têm inclinação muito íngreme, sucede, às vezes, que as longas chuvas de janeiro e fevereiro deslocam a terra e fazem aluir as casas.

Os pequenos jardins que, como já o disse, acompanham as casas, são geralmente muito pouco cuidados. Laranjeiras, cafeeiros e bananeiras aí se vêem, plantados quase sempre em ordem. A couve o legume que mais se cultiva; e entre as flores, as preferidas são os cravos e a rosa de Bengala, que conserva sua cor primitiva.

A presença do governador e das principais repartições públicas da província entretém em Vila Rica um comércio de importação considerável, e lá se vêem lojas bastante sortidas.

Na terça e na quarta-feira, condutores de bestas carregadas de gêneros chegam a Vila Rica e passeiam pelas ruas, até terem vendido tudo o que trouxeram. Um pequeno galho de árvore trazido pelo animal indica que seu carregamento está à venda. Quis-se estabelecer na cidade um mercado regular, mas foi escolhida ocasião pouco favorável, uma época de carestia. O pequeno número de vendedores, vendo de relance a grande quantidade de compradores que se apresentavam, aumentou suas pretensões. Fez-se uma representação ao governador, e as coisas foram restabelecidas no antigo sistema.

Se excetuarmos a manufatura da pólvora, que pertence ao governo, e uma fábrica de louça que se estabeleceu há poucos anos, a pequena distância de Vila Rica, não existe nessa vila

e suas proximidades nenhuma espécie de manufatura. Os vasos que saem da fábrica apresentam, em geral, lindas formas, mas são revestidos por uma camada muito espessa de verniz, e quebram-se, dizem, com muita facilidade. É evidente, aliás, que se conseguirá evitar facilmente esses defeitos, e a manufatura de Vila Rica talvez fique rivalizando com as de Europa, sobretudo se os habitantes da região, sabendo zelar sua honra e interesses, quizerem fazer alguns sacrifícios para sustentar o primeiro estabelecimento de produtos industriais que se fundou entre eles. Mas, deve-se confessa-lo, se bem que os *mineiros* pareçam muito orgulhosos de sua pátria, há realmente entre eles tão pouco espírito público que quase nunca ouvi os habitantes de Vila Rica realizar nela reuniões mudanas. Os jogos, os prazeres grosseiros exageram os defeitos de seus produtos, e se comparam sua louça com a da Inglaterra, é para fazer sentir quanto é superior a que compram aos estrangeiros.

(...) Como as mulheres em Vila Rica são tão pouco sociáveis como em quase todo o resto da província, não se pode realizar nela reuniões mudanças. Os jogos, os prazeres grosseiros e pequenas intrigas constituem as únicas distrações dos habitantes.

*

12. — OURO PRETO (*Pohl*, 1821).

É uso, em Vila Rica, não só o governador-geral, como também pessoas particulares notáveis promoverem reuniões regulares, à noite, de que participam os dignitários da cidade e estrangeiros distintos. Só depois da chegada do atual governador, são admitidas nessa sociedade também senhoras, que anteriormente eram mantidas distantes de tais reuniões. Um velho e arraigado preconceito, que ainda domina entre a maioria da população, continua a opor-se a que as senhoras participem de reuniões masculinas, embora a maior parte das senhoras que se conservam afastadas desse meio, de modo algum possam ser apresentadas em luz favorável quanto à moralidade e costumes. É fato conhecido que em geral, seguindo o exemplo dos maridos, elas se entregam a relações clandestinas ilícitas. Nessas reuniões, que se limitam, no máximo, a vinte pessoas, joga-se, dança-se ou faz-se música. O jogo de cartas usual aqui é o *Whist*, que se joga com muito ardor, não por divertimento, mas pelo ganho. Entre as danças, há o fado ou fandango, que é apreciado apaixonadamente, especialmente pelo belo sexo. Quanto

ao entretenimento musical, faltam instrumentos e falta arte para que possa ser considerado recreativo. Um piano, uma flauta e um mau violino é tudo quanto aqui se encontra em matéria de instrumentos musicais. Não obstante, não raro se ouvem cantar, nessas reuniões trechos de óperas de Rossini, sem arte e sem sentimento, e um aplauso geral é a recompensa generosamente tributada ao executante. Em casa do governador-geral, são dados às vezes grandes bailes, e eu fui testemunha ocular de uma dessas festas. As damas aparecem todas vestidas segundo a última moda de Paris, com o que a França mais depressa pode fornecer ao Rio de Janeiro. O número de homens era pelo menos superior ao dobro das mulheres. Ao entrar, as damas faziam uma rápida mesura, beliscavam-se mutuamente, no flanco esquerdo, segundo o costume brasileiro, em sinal de saudação; em seguida, depois de gastarem longo tempo com o arranjo de seus vestidos, sentavam-se numa longa fila de cadeiras preparadas para elas no salão, e aguardavam a dança, que começava com uma contradança. Os jovens participavam da dança, e os velhos jogavam *whist* nos aposentos vizinhos. A dança alternava com canções, que eram cantadas por várias damas de maneira apenas tolerável. Nos intervalos, servia-se chá, café, limonada, ponche, vinho e doce. Eu fazia minhas considerações em silêncio, e muito me admirava de que tantas damas jovens e belas que, segundo o uso do país se tinham afeiçado pintando a cara, mostrassem tamanha habilidade em tomar bebidas alcoólicas, pois, com facilidade, esvaziaram elas em pouco tempo duas garrafas de vinhos da Madeira e não menor quantidade de ponche. Essa festa durou até meia-noite, quando os aposentos se esvaziaram com a mesma rapidez com que se tinham enchido.

Outro prazer dos moradores de Vila Rica é frequentarem o teatro, que tem três andares, cada um com 14 camarotes, que são tomados por assinatura anual pelos dignitários, e, não obstante a sua pequenez, ainda é demasiado grande para o número de espectadores. Os assentos da platéia são ocupados pelos soldados da guarda que, de baionetas calada, preenchem o espaço da platéia que, sem isso, ficaria vazio. De modo algum é grande a participação do público nessas representações, e disseram-me que os próprios assinantes, em sua maioria, só frequentam os seus camarotes para serem agradáveis ao governador. O pessoal do teatro consiste em companhias ambulantes ou, na falta delas, em amadores. Como se julga impróprio que as senhoras representem um papel no teatro, todos os papéis

femininos são desempenhados por homens. Bem se pode imaginar a impressão que causa a um europeu tal modo de representar. Embora só haja espetáculo uma vez por semana, o teatro fecha-se quando o governador adoece. Durante minha estada em Vila Rica, tive ensejo de assistir a três representações e a uma opereta de Pittersdorf, bem como a *Maedchen von Marienburg* e *Inês de Castro*, a peça predileta dos portugueses. Como a companhia então presente contava com duas mulheres, tive oportunidade de ver a p.ima-dona na ópera e a *Maedchen von Marienburg*, sendo que se resolveu a representar o último papel uma menina de treze anos. O melhor êxito teve a representação de *Inês de Castro*, que foi muito aplaudida, embora o papel principal, o de Inês, fosse desempenhado por um homem.

*

13. — OURO PRETO (*Martius*, 1818).

Vila Rica, capital da província de Minas Gerais, residência do governador-geral e sede da comarca de Ouro Preto, está edificada sobre duas colinas das fraldas orientais da montanha do mesmo nome, à margem do ribeirão de Ouro Preto, depois chamado do Carmo, que forma a divisa do alto Itacolomí e do morro de Vila Rica. As ruas que vão da parte da cidade de Ouro Preto são todas calçadas; abastecem-nas quatorze charizes, e são ligadas por quatro pontes de pedra, destacando-se entre elas a nova ponte construída no vale pelo Sr. von Eschwege; a rua principal corre meia hora ao longo das fraldas do morro. As casas são construídas de pedra, de dois pavimentos, cobertas de telhas, na maioria caiadas de branco, e, se não de muito bonito aspecto exterior, todavia cômodas e proporcionadas à situação alta da cidade. Entre os edifícios públicos, distinguem-se dez capelas, duas vistosas igrejas paroquiais, a Tesouraria, o Teatro com atores ambulantes, a Escola de Latim, a Câmara Municipal, ao lado da Cadeia, cujos presos são, em geral, ladrões ou assassinos por questão de amores; destaca-se, sobretudo, o castelo, residência do governador, armado com alguns canhões, e que está situado no mais alto ponto da colina, dominando uma parte da cidade e o mercado, e descortinando o mais belo panorama sobre toda a região. Embora escondido numa estreita garganta e tendo, em volta, montanhas áridas de pedra, mas circundado de jardins artísticos, em beleza comparáveis aos campos, era este lugar, desde outrora, a meta para

onde acudiram não somente os paulistas como também os portugueses, em grande número. Atualmente, avalia-se a população de toda Minas Gerais em meio milhão de almas, a da cidade em oito mil e quinhentas. Esta última conta entre os seus habitantes, relativamente, muitos portugueses, e, sobretudo, muitos mulatos e negros; a força armada compõe-se de dois regimentos de cavalaria auxiliar (milícias), quatorze companhias de ordenanças brancos, sete de mulatos e quatro de pretos libertos.

Quase todas as manufaturas funcionavam aqui; entre elas, destacam-se, especialmente, as de seleiro, funileiro e ferrador; também existe uma fábrica de pólvora, uma de chapéus de feltro e outra de louça de barro. Entre todas as cidades do Brasil, nenhuma tem comércio tão animado como Vila Rica. Daqui partem estradas para São Paulo, passando por São João del-Rei; por Minas Novas, para a Bahia; por São Romão, Tijuco, Malhada, para Paracatú, Goiás e Mato Grosso, porém, nenhuma é tão movimentada, com o vaivém de tropas, como a estrada que, num percurso de setenta léguas, leva à distante sede do governo, ao Rio de Janeiro. Quase que em todas as semanas, ou em cada mês do ano, seguem grandes caravanas, carregadas com os produtos da região: algodão, couros, marmelada, queijos, pedras preciosas, barras de ouro etc., para a capital e voltam, trazendo sal, vinho, chitas, panos, presuntos, espelhos, ferramentas, novos escravos para a exploração das minas de ouro etc. O comércio com o longínquo sertão não é tão extenso, de fato, como o de São Paulo e Bahia, que vai até Goiás e Mato Grosso; entretanto, expande-se até além do rio São Francisco, quase que por toda a capitania, e abastece-a não só com as mercadorias européias adquiridas no Rio de Janeiro, mas, também, com os produtos das imediações, como, por exemplo, os aqui fabricados: ferramentas, chapéus de feltro, louça de barro, queijo, milho, feijão, marmelada, carne de porco e tocinho; este é empregado em vez da manteiga e banha, e constitui grande artigo de comércio da província.

*

14. — OURO PRETO (*Gardner*, 1838).

A imperial cidade de Ouro Preto, antigamente Vila Rica, está a cerca de duas léguas de Mariana, na direção de sudeste. A estrada, que é muito boa, eleva-se gradualmente para Ouro Preto; em muitos sítios à sua margem estão plantadas, a dis-

tâncias irregulares, figueiras silvestres naturais do país, as quais, crescidas, não somente dão boa sombra como acordam em um europeu lembranças de sua terra natal. Perto da entrada da cidade onde a estrada foi cavada em sólida rocha, vêem-se muitas galerias penetrando nas montanhas; são lavras de ouro há muito abandonadas, algumas das quais ora usadas como chiqueiros de porcos pela gente pobre que mora vizinha.

Durante minha curta estada na Imperial cidade assisti em casa do Senhor José Peixoto de Sousa a quem levava de Morro Vermelho cartas de recomendação. É o principal comerciante da província de Minas e possui a mais bela casa da cidade, cuja edificação lhe custou £ 4.000 esterlinas, alto preço para uma casa do interior do Brasil. É homem de índole servil e bondosa, representante de todas as companhias inglesas de mineração, sendo por isso sua residência onde se hospedam, de passagem pela cidade, todos os funcionários a elas pertencentes, porque não há nenhum hotel respeitável em toda a cidade. E não são somente os ingleses que em sua casa se reúnem: também os brasileiros se valem igualmente de sua hospitalidade. Nos três dias que lá passei, chegaram e saíram tantos hóspedes, que mais parecia estar a gente em um hotel que em residência particular.

(...) Posto que Ouro Preto seja muito maior que a cidade de Mariana, não tem o mesmo aspecto imponente, não que lhe faltem grandes construções, mas pela irregularidade do sítio onde assenta. A maior parte está edificada na encosta da serra de São Sebastião, limite noroeste de profundo e estreito vale. É naturalmente dividida em cidade alta e cidade baixa, sendo a de cima incomparavelmente mais bela. Contem grande número de formosos edifícios, tais como o palácio do governo provisório, grande e sólida construção de pedra, em uma das faces de uma grande praça e cuja face oposta é formada pela câmara municipal e a cadeia pública, que é igualmente um belo edifício.

Um pouco abaixo ficam as casernas, que são as melhores que vi no interior. O Tesouro é também uma sólida construção de pedra, mas não se destaca por estar em lugar baixo e em rua estreita. A cidade contem seis igrejas, a mais bela das quais, a de Nossa Senhora do Carmo, na cidade alta, não longe da cadeia. A cidade é abundantemente suprida de água de excelente qualidade, havendo uma fonte quase em cada rua.

A população da cidade é calculada em umas oito mil almas. Há boas lojas, mas nenhuma livraria. Ufana-se de duas tipogra-

fias e quatro jornais, dois do ministério e dois da opposição. São de pequeno formato e o seu conteúdo é quase inteiro de matéria política. Em princípios do ano de 1840, fundou-se por decreto da assembléa presidencial um colégio de preparatórios, no qual bons professores ensinavam latim, francês, inglês, philosophia e mathematica.

*

15. — OURO PRETO (*Burmeister*, 1851).

É muito difficil fazer uma descripção rápida e completa da cidade, pois não existe nenhum ponto de referéncia de onde se possa focalizar de vez a localidade inteira. (...) Ao tempo de seu apogeu, a cidade contava, segundo dizem, vinte mil habitantes, e é bem possivel ter havido tamanha população, mas hoje uma grande parte das casas está em semi-tuinas e a população não chega a oito mil almas. O lugar perdeu muito de sua antiga importância, e nele haveria ainda menos animação e riqueza se não fosse a sede do governo da provincia e de todo o aparelhamento administrativo e jurídico e não contasse ainda com um quartel para uma força de 500 homens (um batalhão). O comércio limita-se à venda de productos importados do estrangeiro. Todo o ouro e diamantes encontrados na Provincia vão directamente para o Rio de Janeiro. A forte casa bancária de Paulo Santos compra todo o metal precioso proveniente da companhia inglesa de Morro Velho, transação essa que, aliás, não é feita em Ouro Preto, mas no Rio, para onde a companhia manda as suas barras de ouro. Ouro Preto não é mais o grande depósito comercial para toda a Provincia de Minas Gerais. Ao sul, há a cidade de Barbacena e, ao norte, a de Sabará, as quais, atrahindo o comércio interno e estabelecendo comunicação directa com o Rio de Janeiro, diminuíram sensivelmente a importância de Ouro Preto como centro comercial.

(...) Política era assunto de interesse geral em Ouro Preto, mas somente política interna brasileira. A exterior ou europeia não interessava a ninguém. No albergue onde eu me hospedara, cerca de uma dúzia de jovens vinha fazer suas refeições. Ao que pareceu, tratava-se de advogados e comerciantes, e suas palestras giravam sempre em torno das discussões na Câmara do Rio de Janeiro, ou das opiniões dos jornais locais a respeito. Ouro Preto possui quatro jornais políticos, dois a favor do governo e dois opposicionistas. No albergue só havia uma das folhas da opposição, *O Itamontano*, que, embora não fosse dos mais

reacionários, já no cabeçalho trazia impressa a finalidade de sua luta pela República Federativa com a mais ampla autonomia para as províncias. O governo não dispõe de outro meio para combater tais tendências, enquanto elas se manifestam apenas no terreno da luta de princípios at avés de jornais, a não ser o de igualmente orientar a opinião pública por meio de seus órgãos de imprensa, influenciando, por sua vez, os leitores. Os ricos e abastados encontram-se ao lado do governo, pois o que unicamente desejam, e também a todo o custo, é sossego. Mas a classe média e também a geração nova são francamente republicanas.

*

16. — PARACATÚ (*Saint-Hilaire*, 1819).

Os paulistas que iam à descoberta de novas terras não atravessavam jamais um regato sem experimentar a areia do seu leito para verificar se continha ou não ouro. Os que descobriram Goiás foram conduzidos pelo acaso ao lugar onde está hoje situada Paracatú; encontraram ouro em abundância no córrego que tem o nome de *Córrego Rico* e consignaram esse fato no seu itinerário.

Muito tempo depois, esse roteiro caiu nas mãos de José Rodrigues Fróes, que pertencia a uma família importante de São Paulo. Ele parte só com dois escravos pretos, atravessa regiões ainda desabitadas, e, em 1744, chega, enfim, ao lugar que procurava com tanta coragem e ardor. Tendo encontrado peixes de sabor agradável no Córrego Rico, imaginou dar ao país que acabava de descobrir o nome *Pyra-catu*, que tomou à língua geral dos índios litorâneos, fiel ao antigo costume adotado pelos velhos paulistas. Os trabalhos dos mineiros destruíram os peixes que viviam naquele córrego; o nome *Pyracatu* alterou-se e fizeram Paracatú. (...) Nos primórdios, retirava-se, sem grande trabalho, uma enorme quantidade de ouro do Córrego Rico e de alguns regatos vizinhos. Os mineradores de Paracatú compraram grande número de escravos e, em pouco tempo, ergueu-se uma nova vila.

Fazia-se então vir, com grandes despesas, vinhos e outras mercadorias da Europa, at avés do deserto; gastavam-se somas consideráveis em festas da Igreja; havia músicos, um pequeno teatro e os próprios negros, nas suas folganças, espalhavam, dizem, ouro em pó sobre a cabeleira de suas melhores dançarinas. Entretanto, toda essa opulência não podia ser de longa duração. Todos desperdiçavam as riquezas, ninguém fundou uma fortuna

duravel. A maior parte dos primeiros colonos, que eram celibatários, não pensavam no futuro, e os casados, arrastados pelo exemplo dos outros, mostravam-se também imprevidentes.

As minas dos arredores de Paracatú estão longe de se acharem esgotadas, mas, pouco a pouco se foram tornando de mais difícil duração. O amor e o reconhecimento fizeram libertar grande número de escravos; os outros morreram e não puderam ser substituídos. Apenas hoje em dia contam-se em Paracatú duas ou três pessoas que se ocupam em grande escala de exploração de ouro; a população dessa vila diminuiu sensivelmente, e não se vê mais do que pequeníssimo número de brancos. Geralmente pobres, e aos quais o clima e a ociosidade fizeram perder o espírito empreendedor de que seus pais foram animados.

(...) A vila apenas ocupa uma pequeníssima parte do planalto em que foi construída, e se eleva acima do Córrego Poivre. Sua forma é alongada; as principais ruas seguem a inclinação quase insensível do morro. Situada sob um belo céu, em uma região descoberta, na extremidade de uma planície rodeada de pequenas montanhas, Paracatú não podia deixar de apresentar um ar de alegria estranho a todas as localidades da parte oriental de Minas Gerais, e sua posição adquire maior encanto ainda, aos olhos do viajante, pelo tédio que experimentou por tanto tempo antes de chegar a essa espécie de oásis.

*

17. — PARACATÚ (*Pohl*, 1819).

A vila Paracatú do Príncipe é distante duzentas léguas do Rio de Janeiro. Pertence às cidades de tamanho médio do Reino e conta cerca de setecentas casas, em duas ruas largas, calçadas, uma ao lado da outra. As casas, apesar de construídas de madeira e barro, são cobertas de telhas e, com exceção de oito assobradadas, são em regra térreas. Ordinariamente, cada casa tem uma horta, onde o proprietário planta os seus legumes, alface, couve, cebola, alho, pepino, cará etc. Não falta a banana, a fruta predileta do brasileiro. Em ambos os extremos da cidade, moram em maioria negros livres em cabanas, cujo aspecto anuncia a forte indigência dos donos. A cidade tem várias igrejas, a maioria em mau estado. Entre os edifícios mais distintos está a Intendência ou edifício do governo, o tribunal junto com a cadeia, diante do qual há um símbolo da justiça punitiva, semelhante ao que mencionei ao descrever Barbacena.

O clero é numeroso. Consta exclusivamente de naturais da cidade. Os sacerdotes possuem muitos bens de raiz e dedicam-se a atividades econômicas. Ultimamente, diminuiu o número de habitantes da cidade. São, na maioria, negros livres e mulatos, aqui chamados pardos. Vivem, em grande parte, da criação de gado e do comércio a varejo, pois, para a prática de ofícios, são de natureza demasiado indolentes.

O traje ordinário dos homens consta de um manto, que é usado sobre um casaquinho de chita florada e é tão estimado que, mesmo durante as visitas, não o despem. Nos domingos e dias santos, aparecem eles em traje francês antigo. As mulheres são pouco vistas; em casa, usam trajes muito leves, andando em parte meio desnudas. Na igreja aparecem igualmente de manto ou, além deste, com o chamado *pauvre* guarnecido de veludo, e um pano em volta da cabeça, sobre o qual fica um chapéu de honra. Este último não é usado pelas negras livres, que andam com uma saia branca de algodão e um grande xale do mesmo tecido, que lhes cai dos ombros e do pescoço, em pito escudo apertado até as panturrilhas e, de algum modo, relembra o traje das matronas da Roma antiga.

Quanto à assistência médica, os habitantes desta cidade são muito para lamentar. Não possuem médico, nem farmácia. Os merceiros vendem a alto preço alguns medicamentos simples, estragados, de jalapa, ipecacuanha, ruibarbo, quina de má qualidade, ópio, cânfora, preparados de mercúrio e queijos. Quem tem a infelicidade de adoecer, não pode contar com a probabilidade de auxílio. Os remédios domésticos usuais não tomados em tal quantidade, que só podem apressar a morte. Ferro, sal, vinho, pólvora, chumbo de caça são excepcionalmente caros; o couro é barato, porém muito mal curtido.

Os alimentos aqui não são seletos nem sequer digestíveis. Arroz, toucinho, legumes lenhosos, carne de vaca, fresca ou seca ao ar, chouriços defumados, bacalhau e frutas em conserva, doces, são as comidas dos abastados. Os pobres matam a fome com feijão preto, peixe seco e farinha de milho, raramente com carne seca. Tive ensejo de assistir a uma festa de batizado. O pai da criança veio buscar-me em trajes de gala, espada de aço com banda de seda vermelha e azul à cinta, solenemente, com o resto do seu séquito de convidados. Encontramos já posta a mesa, na qual me deram o lugar de honra. Faca e garfo faltavam em absoluto. Cada convidado se servia do prato que desejava. Foram erguidos brindes à criança, ao anfitrião e a cada um dos convivas. Em meia hora estava acabado o banquete. Só então as mulheres compareceram à mesa.

Muito louvo a cortesia dos habitantes. Vai ao ponto de que, por exemplo, não passam diante da casa do capitão-mor sem logo de longe tirarem o chapéu, como na Europa se costuma fazer diante das igrejas. Deve tolerar-se-lhes, como habitantes de um lugar de interior pouco visitado por viajantes, a curiosidade e certa impotunação que dela se origina. Valem como diversões sociais o jogo de cartas e a música, especialmente o toque de viola. Raramente se ouve o violino ou a flauta. Mesmo nas igrejas falta o órgão e, nas partes do Brasil que percorri, encontrei tão pouco gosto pelo canto que, em toda a minha viagem, ouvi apenas algumas canções monótonas.

*

18. — SABARÁ (*Saint-Hilaire*, 1818).

A parte da cidade mais distante da embocadura do rio Sabará tem o nome da Vila Velha, porque foi lá que se formaram os mais antigos estabelecimentos. Apertada entre os montes e o rio, Vila Velha não se compõe senão de uma rua, que se alarga diante da igreja paroquial, e forma nesse lugar uma espécie de praça onde se celebram as festas públicas. No tempo em que Sabará ainda era florescente, Vila Velha era a parte mais rica e mais habitada; mas hoje não se anuncia senão decadência, crescendo mato por toda a parte. Para além de Vila Velha, a vila se prolonga sobre uma pequena colina terminada por um platô sobre o qual se acha o edifício da Intendência do ouro. Imediatamente após essa colina, que se denomina morro da Intendência, os montes desaparecem, deixando entre eles e o rio um espaço considerável, onde é construída a Vila Nova, à qual dão o nome de Barra, que significa confluência. A Vila Nova forma uma espécie de triângulo muito irregular; é pouco movimentada, mas as casas que a compõem são todas caídas e bem conservadas.

As ruas de Sabará são calçadas, mas com pedras pequenas e desiguais. Várias dessas ruas são muito largas; posso citar, sobretudo, a principal, que se chama rua Direita, apesar de ser em ziguezague.

(...) Existe em Sabará grande número de tabernas, algumas lojas de comestíveis e fazendas; e na rua chamada do Fogo há várias casas onde se vende exclusivamente toucinho. A comarca de Sabará se limita ao seu consumo interno, e essa vila não exporta produtos da lavoura, nem da indústria. As relações mercantis dos arredores fazem-se na aldeia, muito florescente, de Santa Luzia, que, situada a três léguas de Sabaá,

próximo ao rio das Velhas e à entrada do sertão, é o verdadeiro entreposto desta última região.

*

19. — SÃO JOÃO DEL-REI (*Saint-Hilaire*, 1818).

As ruas de São João são geralmente calçadas e muito largas. Segundo o uso em toda essa região, as casas são baixas, mas são em geral bonitas, bem cuidadas, e um grande número entre elas possui um andar além do térreo. Quase todas são caiadas; as portas, as venezianas e as esquadrias são pintadas de verde, cinzento ou imitando mármore; os telhados não avançam demasiadamente para fora das paredes e as venezianas abrem-se da direita para a esquerda e não de baixo para cima, como em Vila Rica. Vê-se, principalmente na rua Direita, um grande número de lojas, geralmente muito bem sortidas. Não somente essa vila não tem esse ar de tristeza e abandono, peculiar a quase todas as desta província; não somente não se vêem, a cada passo, casas abandonadas caindo em ruínas, mas ainda tudo aí parece vivo e animado.

Calcula-se a população de São João em seis mil almas, e em nenhuma outra vila da província vi tantos brancos e tão poucos mulatos.

(...) Depois que o Brasil se tornou independente e os habitantes de São João renunciaram, ao menos em parte, à mineração, a vila tornou-se o centro de considerável comércio, que tende a aumentar com o tempo. Os comerciantes, muitos dos quais bem ricos, compram no Rio de Janeiro todos os objetos que podem ser consumidos no interior; os vendeiros das pequenas vilas da comarca do Rio das Mortes e das comarcas mais distantes têm certeza de encontrar numa mesma casa em São João quase todos os artigos de que necessitam, enquanto, se fossem ao Rio de Janeiro, perderiam muito tempo, fariam despesas consideráveis e, menos conhecidos, não gozariam do mesmo crédito. As mercadorias que a vila de São João, em particular, envia à capital em troca das euopéias, são o ouro, couros, toicinho, algodão em rama, queijos, açúcar, tecidos grosseiros de algodão e alguns outros artigos.

(...) Já disse que a civilização dos habitantes do Rio das Mortes era inferior à dos das comarcas de Sabará e Serro Frio. Nessas últimas partes da província, despertei sempre uma viva curiosidade, que, se era importuna, nunca foi grosseira.

Ao contrário, na comarca do Rio das Mortes, não somente me dirigiam as perguntas mais tolas, não somente era alvo de comentários pouco delicados, como também mexiam em tudo quanto era meu, sem minha permissão. (...) Percebi a diferença existente entre essas vilas no mesmo dia em que cheguei a São João. Saí à noite para passear na vila. Havia um soberbo luar, e podia-se, sem dificuldade, distinguir os objetos. Malgrado minha roupa não diferir muito da dos brasileiros, todo mundo parava para me olhar; em seguida, ouviram-se gargalhadas acompanhadas de comentários indelicados. Isso não era a hospitalidade a que eu me habituara nas outras partes da província e que tantas vezes me ajudara a suportar as contrariedades e o cansaço da minha viagem. Nas diferentes estadas que fiz em São João, tive ocasião de entrar em casa de quase todos os negociantes da vila e devo confessar que, se não possuem esse estúpido orgulho que se nota nos comerciantes do Rio de Janeiro, estão, entretanto, longe da polidez amável dos bons habitantes de Serro Frio.

(...) A população comercial da vila é renovada incessantemente por jovens vindos das mais distantes províncias, de Portugal, jovens que não receberam educação nenhuma, mas que são orgulhosos de terem nascido na Europa. Após servirem como caixeiros, esses jovens começam a negociar por conta própria; tornando-se negociantes, conservam toda a grosseria de seus costumes, mostrando mais orgulho que anteriormente, porquanto já possuem qualquer coisa. Por sua vez, fazem vir da Europa, para aprender o comércio, homens de suas famílias, tão sem instrução quanto eles, sendo assim que a ignorância e a falta de civilização se perpetuam em São João del-Rei. A população das outras vilas da província não se renova pelo mesmo modo porque são menos comerciantes e mais arraigados ao interior.

*

20. — SÃO JOÃO DEL-REI (Pohl, 1819).

Essa cidade está entre as mais limpas e alegres que eu encontrei no Brasil. Situada num clima suave, oferece uma vista risonha com suas mil casas, na maioria de um só andar, limpamente caiadas, e pomares de cujo verde viçoso se erguem belas bananeiras.

As igrejas, inteiramente construídas de pedra, com torres bem proporcionadas, algumas ornadas com relógios, o que é

uma raridade no país, sobrepujam as próprias igéjas da cidade do Rio de Janeiro.

Atravessa-a o auífero córrego Tijuco. Unem as partes da cidade duas pontes de pedra sobre o riacho. Um parapeito de pedra protege contra as inundações. As ruas são largas, bem calçadas, mas um tanto desiguais, por ser o terreno montuoso.

O número de habitantes sobe a sete mil. Os brancos formam a quarta parte. Antes se ocupavam, sobretudo, com a lavra do ouro, e até as rochas foram improdutivamente cortadas, como ainda provam as grandes covas de doze braças de profundidade abertas no xisto talcoso, fora da cidade, hoje cheias de água. A extração era então abundante; encontrava-se ouro em toda parte. Hoje em dia vivem os habitantes da cidade, em geral, do comércio (pois quase cada casa, aqui, tem um armazém, uma venda) e da lavoura — cujos produtos são o açúcar, o café, o algodão, o milho, a mandioca e um pouco de trigo — e, principalmente, da criação de porcos.

A indústria é insignificante. Não há muitos artífices. Os mais importantes produtos fabricados são maus chapéus de lã e tecidos grosseiros de algodão, que aqui ocupa o lugar do linho.

*

21. — SERRO (*Saint-Hilaire*, 1817).

Vila do Príncipe, compreende cerca de setecentas casas e uma população de 2500 a 3000 indivíduos. Essa vila está edificada sobre a encosta de um morro alongado; suas casas, dispostas em anfiteatro, os jardins que entre elas se vêem, suas igrejas, disseminadas, formam um conjunto de aspecto muito agradável, visto das elevações próximas.

A parte oriental da vila é muito melhor construída que a ocidental, e é lá que se vêem as principais igrejas, a câmara e a intendência.

As ruas são pouco numerosas e, na maioria, calçadas. As principais estendem-se de leste a oeste, paralelamente à base do morro, e cada uma delas se acha assim traçada, em todo o comprimento, quase no mesmo plano. Só as ruas transversais seguem o declive do morro; têm, porém, pequena extensão.

A maioria das casas é caiada, e os portais e caixilhos das janelas são, geralmente, pintados em cinzento, imitando má-

more. Algumas não têm mais que o rés-do-chão, outras possuem mais um andar. Na frente, essas casas estão no mesmo nível que a rua; como, porém, estão construídas em terreno inclinado, foi necessário procurar algum meio de conservar-lhes o nível, e nada se encontrou de mais prático do que apoiá-las pela parte traseira sobre colunas muito elevadas. Do mesmo modo que em todo o resto da província, as telhas são de canal, e os telhados avançam menos sobre a rua que os de Vila Rica. As janelas não são tão aproximadas como no Rio de Janeiro; algumas possuem caixilhos de vidro; outras, em maior número, são simplesmente fechadas por postigos ou gelosias. As casas de sobrado têm pequenos balcões de madeira; em parte alguma, porém, encontrei verdadeiras varandas ou galerias. Cada casa possui um pequeno jardim em que plantam, sem ordem, bananeiras, mamoeiros, laranjeiras, pés de café, e se cultivam, a mais, couves e algumas espécies de cucurbitáceas. Das janelas que se abrem para o campo goza-se de agradável panorama: avistam-se as casas próximas entremeadas de massas espessas de vegetação formada pelo arvoredado dos jardins; mais além, descortina-se o vale estreito que se estende ao pé da cidade e em cujo fundo corre o Quatro Vinténs; do outro lado do vale, o olhar repousa em alturas quase que completamente cobertas da mais linda relva; finalmente, nos planos mais distantes, algumas moitas de arvoredado se avistam entre os morros.

Obrigado a retribuir as numerosas visitas que recebi, tive oportunidade de ver os interiores das principais casas e achei-os longe de oferecerem aspecto opulento. Às vezes, os rodapés e tapeiras são pintados à imitação do mármore; no mais, as paredes, simplesmente caiadas, não apresentam mais ornamentos que pequenos espelhos e algumas gravuras mal emolduradas. O mobiliário das peças em que se recebem as visitas consiste unicamente em cadeiras antigas de jacarandá, de espaldar muito alto e assento de madeira coberto de couro. Quanto ao mais, não se vêem, por parte alguma, nem secretárias, nem armários, e a casa de meu hospedeiro podia, a esse respeito, ser citada como a única exceção.

A intendência é um edifício insignificante, situado fora da vila, ao pé de um dos morros que defrontam esta última. A casa da câmara é de aspecto mais modesto que muitas casas particulares.

Não existe em Vila do Príncipe nenhum estabelecimento de caridade; em compensação, porém, não foi esquecida a cons-

trução de templos; pois que, além da matriz, contam-se quatro outras que devem sua fundação ao zelo dos fiéis. A primeira é certamente uma das mais belas e grandes vistas por mim, até então, na província de Minas. Sua estrutura é apenas de madeira; os intervalos, porém, que entre si deixam os barrotes são preenchidos por esses grandes tijolos em forma de paralelepípedos que já observara em Barbacena (adobes). Não se encontram nessa igreja ornamentos de decidido mau gosto; todavia, é preciso executar duas espécies de anjos de madeira que servem de candelabros à entrada do santuário, e que estão vestidos como guerreiros. Por cima da porta da igreja há uma tribuna, e sobre o altar-mor ergue-se, segundo o costume, uma longa séie de degraus destinados a receber castiçais e ramilhetes de flores. A sacristia é muito limpa, bem iluminada e espaçosa; o que é tanto mais necessário nesse país, porquanto os homens mais relacionados se reúnem nas sacristias esperando que o sacerdote comece a missa.

Além da igreja paroquial, pode-se citar as de São Francisco e Nossa Senhora do Carmo, que são lindas e bem arejadas. A última está edificada em uma pequena praça, e para lá se sobe por uma escadaria bastante alta. O interior é bastante claro e ornado de dourados e pinturas; estas estão bem longe de se poderem considerar obras-primas; mas devemos convir que grande número de templos nossos não possuem melhores.

A pequena praça de que acabo de falar, e na qual está construída a igreja do Carmo, só é pavimentada em parte; no entanto, é de aspecto alegre e regular; as casas dispostas em seu perímetro são limpas e bem construídas; e finalmente, é embelezada pela vegetação dos morros que a dominam por todos os lados.

Não existe em Vila do Príncipe um único chafariz, e os habitantes são obrigados a ir buscar ao vale a água de que necessitam.

Há nessa cidade duas *estalagens*, e uma doze ou quinze lojas, umas de comestíveis, outras de quinquilharias, louça, tecidos, quase todos de procedência inglesa etc. Muitas vezes, como sucede igualmente em muitos outros lugares, o mesmo mercador vende simultaneamente bebidas e tecidos; nesse caso, porém, a loja é dividida por um biombo em que existe uma porta de comunicação, e, por esse motivo, as mercadorias secas não se acham misturadas às líquidas.

(...) As mulheres mostraram-se mais em Vila do Príncipe que nos outros lugares em que estivera até então. Em quase todas as casas em que entrei de visita, apresentaram-me as senhoras, e foi-me permitido conversar com elas; não posso, porém, gabar tanto sua beleza como a amabilidade.

Não existe na capital do Serro do Frio nenhum desses estabelecimentos em que os habitantes das cidades européias vão procurar distrações honestas. Não se encontram aqui nem cafés, nem passeios públicos, nem bibliotecas.

(...) Estive em Vila do Príncipe durante a quaresma. Três vezes por semana, ouvia passar pela rua uma dessas procissões que chamam *procissão das almas*, e que têm por objetivo obter do céu a libertação das almas do purgatório. São ordinariamente precedidas por uma matraca; nenhum sacerdote as acompanha, e são unicamente constituídas pelos habitantes do lugar possuidores de voz mais agradável.

(...) A quinta-feira santa é considerada, nesse lugar, como das maiores festas do ano; nesse dia, não se trabalha, e celebrou-se, na igreja matriz, uma missa com música, à qual assistiram em traje de gala as pessoas de maior consideração do local. Os músicos, todos habitantes do distrito, estavam reunidos em uma tribuna, e o público não tomou parte nos cantos. A música era apropriada à santidade do lugar, assim como à solemnidade da festa, e foi perfeitamente executada. Vários cantores tinham ótima voz, e duvido que em qualquer cidade do norte da França, de população equivalente, se executasse uma missa musicada tão bem quanto essa o foi. Os párocos, não sendo obrigados a officiar em missas solenes, recebem uma retribuição todas as vezes que celebram uma. Foram os irmãos do Santíssimo Sacramento que custearam, em Vila do Príncipe, a da quinta-feira santa; o vigário recebeu quatro mil réis, e os adjuntos foram pagos na mesma proporção. Como a irmandade não era então rica, não se celebrou nenhuma dessas cerimônias praticadas nessa época em nossas igrejas, porque teria sido necessário pagá-las ao vigário. O Santíssimo Sacramento ficou simplesmente exposto no altar-mor, e não se ergueram dessas capelas que entre nós se chamam paraísos, altares portáteis ou monumentos. Na sexta-feira santa os oficiais de ofício trabalharam tão pouco como na véspera; a indigência, porém, das irmandades, não permitiu realizar-se um único officio.



22. — TEÓFILO OTTONI (*Avé-Lallemant*, 1859).

Avistei por fim Filadélfia diante de mim. Atravessei duas pontes de madeira sobre dois braços, muito pertos um do outro, do rio de Todos os Santos, que desagua do Mucurí. Achar-me, no local mesmo onde me apeei, diante da casa da diretoria, e fui recebido o mais cordialmente possível pelo diretor Ottoni.

Filadélfia situa-se numa vasta clareira, no meio da floresta do alto Mucurí ou do rio de Todos os Santos, mais ou menos como uma feitoria européia na China. Uma grande praça quadrangular constitui o cerne da povoação. Aí se ergue a fachada principal de um edifício, semelhante a uma igreja, com dois grandes telheiros abertos dos lados, os armazéns da companhia. As casas da povoação estendem-se de ambos os lados da praça, por sua vez cortados por algumas ruas de pequenas filas de casas sem continuidade.

Se tivesse de enumerar as casas de Filadélfia, encontraria-me em grande dificuldade. O diretor mesmo calculava o tamanho da povoação pelos telhados de telha. E conta de fato muitos desses telhados. Eu queria calculá-lo por todos os seus telhados. Ottoni avaliou-os de 140 para cima; estimei-os em muito menos. O fenômeno mais singular, porém, era que grande número desses telhados ainda não tinham casa por baixo, descansando apenas sobre vigas de madeira. Calculei o número dos telhados sem casa como metade do total; o diretor orçou-os em quarenta ou cinquenta, de maneira que Filadélfia contava de oitenta a cem casas e barracas habitadas, quando lá estive.

Com a precipitação norte-americana com que Filadélfia foi empurrada para diante, e suas imensas vantagens apregoadas, muitos nativos, sobretudo mineiros, que gostam de mudar, para lá se transferiram e constuíram nela, conforme ia progredindo, pelo menos um telhado, para esperar o desenvolvimento da Nova Califórnia, estacionária desde setembro de 1857. Morava por isso em Filadélfia um número infinitamente maior de brasileiros que de alemães, que, em competição com os mineiros, conhecedores das condições locais e da língua do país, só podiam fazer muito pouco, achando-se em situação muito inferior, quando não favorecidos por Ottoni por causa de sua plumagem, como chamarizes para nova emigração alemã. E havia certamente muitos desses chamarizes em Filadélfia. Por isso, todas as casas boas pertenciam a brasileiros, talvez com exceção de um marceneiro. Mora também numa bo-

nita casa o engenheiro Robert Schlobach, que, com um irmão, abriu uma loja, e, como funcionário bem pago, trabalha quando pode no interesse de Ottoni. Fizeram-no, por isso, comendador da Ordem da Rosa. A um lado, numa das extremidades do pequeno ressalto duma colina, vê-se uma construção pequena e simples; deve-se representar uma igreja protestante. A igreja católica era, então, apenas um telheiro em cima de traves e com dimensões exíguas.

Padres, professores e médico da colônia, não vi um só. Na minha viagem de Santa Clara para Filadélfia, deparei um inglês, que falava alemão e servia como professor no Rio, em Botafogo, sentado à margem da estrada, em lamentável estado de saúde, sobre que muito influira sua vida no Rio. Esse completo destroço de homem ia servir de professor da juventude da colônia. A falta de um sacerdote era mal incalculável. Até no dia em que deixei a colônia, não havia lá clérigo efetivo. Jovens casais viviam por isso em concubinato, crianças cresciam sem batismo, os adolescentes não ouviam a palavra de Deus. E, por fim, todos acharam que se podia passar sem um cura e passavam mesmo.

*

* *

Referências Bibliográficas.

- Avé-Lallemant (Robert), *Viagem pelo norte do Brasil, no ano de 1859*. Trad. de Eduardo de Lima Castro. Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro, 1961. 2 vols. (Texto 22).
- Burmeister (Herman), *Viagem do Brasil, através das Províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais*. Trad. de Manuel Salvaterra e Hubert Schoenfeldt; nota bibliográfica de Augusto Meyer. São Paulo, Martins, 1952. Biblioteca Histórica Brasileira, v. 19. (Textos 10 e 15).
- Burton (Richard F.), *Viagens aos planaltos do Brasil*, Trad. de Américo Jacobina Lacombe. São Paulo, Editora Nacional, 1941. Coleção "Brasiliana", vol. 197. (Texto 7).
- Canstatt (Oscar), *Brasil, a terra e a gente*. Trad. de Eduardo Lima Castro. Rio de Janeiro, Pongetti, 1954. (Texto 8).
- Gardner (George), *Viagens pelo Brasil*. Trad. de Albertino Pinheiro. São Paulo, Editora Nacional, 1942. Coleção "Brasiliana", vol. 223. (Texto 14).

- Martius (Carl Fried. Ph. von.), *Viagem pelo Brasil, em colaboração com J. Spix*. Trad. de Lúcia Furquim Lahmeyer e notas de Basílio de Magalhães. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1938. 3 vols. e 1 de estampas. (Texto 13).
- Pohl (Johann Emmanuel), *Viagem ao interior do Brasil*. Trad. de Theodoro Cabral. Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro, 1951, 2 vols. (Textos 2, 12, 17 e 20).
- Saint-Hilaire (Auguste de), *Viagem pelas províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais*. Trad. de Clado Ribeiro de Lessa. São Paulo, Editora Nacional, 1938, 2 vols. Coleção "Brasiliana", vol. 126. (Textos 1, 6, 9 e 11).
- Saint-Hilaire (Auguste de), *Viagem pelo Distrito dos Diamantes e Litoral do Brasil*. Trad. de Leonam de Azeredo Pena. São Paulo, Editora Nacional, 1941. Coleção "Brasiliana", vol. 210. (Textos 3, 4, 18, 19 e 21).
- Saint-Hilaire (Auguste de), *Viagem às nascentes do São Francisco e pela província de Goiás*. Trad. de Clado Ribeiro de Lessa. São Paulo, Editora Nacional, 1937. 2 vols. Coleção "Brasiliana", vols, 68 e 78. (Textos 5 e 16).